

Há 25 anos...

Estamos em 2017, ano que o DOCOMOMO Brasil completa 25 anos e, assim, uma data que nos traz a oportunidade da “pausa”, de uma pausa para lembrarmos como se deu a trajetória desta organização não-governamental (ONG), para pensarmos sobre seu papel e sua importância para um país como o Brasil.

Foi um longo percurso, com momentos bem distintos, mas ricos de aprendizagem e marcados pelo mesmo ideal de melhor conhecer a produção arquitetônica e urbanística do Movimento Moderno, dentro de uma ótica preservacionista. Foram tantas histórias, olhares diversos, interlocuções e embates, que certamente poderiam gerar um livro. Fica aqui a sugestão.

Por ora, no entanto, a proposta é, através de alguns relatos, apresentar seu ponto de partida, isto é, sua origem e seus primeiros anos na Bahia, entre 1992 e 2000, quando o DOCOMOMO Brasil estava hospedado no então Mestrado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), hoje o PPGAU/UFBA - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Foram anos de construção de um trabalho coletivo, que pretendia estar ancorado nas diferentes regiões do país para que assim configurasse nossa participação na rede Internacional DOCOMOMO. Para melhor entender esse processo de constituição do DOCOMOMO Brasil e, portanto, expor as bases concretas – “sapatatas” e “fundações” – que sustentaram todas as suas ações nesses 25 anos, é interessante que algumas passagens ou fatos sejam colocados, como registros de memória.

Primeiramente é importante situar o DOCOMOMO Internacional, fundado em 1988 na Holanda, com apoio da Universidade de Eindhoven, por um pequeno grupo de europeus de diferentes formações e vivências profissionais, liderados pelos arquitetos Hubert-Jan Henket e Wessel de Jonge. Todos eram unânimes em manifestar a preocupação de que, naquele momento, a arquitetura do Movimento Moderno estava ameaçada e precisava ser revalorizada. Para tanto, ela deveria ser reconhecida, devidamente documentada e bem gerida pela sociedade em geral e, quando necessário, receber intervenções corretas de

conservação. Desde então buscaram ampliar o número de participantes deste grupo, através de contatos com possíveis interessados na “causa” em outros países. Brasil era um desses alvos, tendo sido central a colaboração do arquiteto holandês Paul Meurs, que passou a divulgar a nova ONG internacional, através de suas conexões com pesquisadores e arquitetos brasileiros. No entanto, dessas pessoas contatadas, nunca obtiveram algum sinal de interesse para se integrarem à rede, nem mesmo para apresentação de trabalhos em sua 1ª Conferência Internacional (Eindhoven/Holanda, 1990). Durante este evento aconteceu a primeira reunião do Conselho do DOCOMOMO Internacional, quando foram estabelecidas suas primeiras normativas. Este passa a ser o espaço de encontro dos membros filiados para tratarem de questões operacionais da rede, para a definição dos futuros eventos, assim como para a constituição de grupos temáticos e trabalhos conjuntos.

Desconhecendo esse contexto, tive um trabalho selecionado para a 2ª Conferência Internacional (Dessau/Alemanha, 1992. Com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pude participar do evento e apresentar um artigo sobre a preservação da Casa Modernista da Rua Santa Cruz, de Gregori Warchavchik. Foi lá que conheci a pesquisadora Marta Camissassa, que foi à conferência de Dessau a partir de informações vindas da Inglaterra, onde desenvolvia seu Doutorado.

Era ainda um encontro bastante restrito, onde a única apresentação de trabalho fora da Europa foi a brasileira, revelando uma rede ainda em formação. Suas representações nacionais no Conselho, no entanto, já eram mais diversificadas, e enfrentavam o desafio de formulação de princípios e conceitos para a documentação da arquitetura moderna no século XX, em função da diversidade de entendimentos sobre o Movimento Moderno, já percebida entre os membros. Como lidar com as diferentes culturas, estruturas institucionais e visões de seus membros? Um grande aprendizado se colocava pela frente.

No decorrer dessa II Conferência, recebi um pedido para assumir a representação brasileira, que só aceitei na condição de coordenadora provisória, mas comprometida em parti-

cipar da sua estruturação. De volta ao Brasil, apresentei a proposta à Faculdade de Arquitetura da UFBA, instituição onde, na época, desenvolvia meu Mestrado e que concordou em sediar o DOCOMOMO Brasil, enquanto se avaliava sua representação definitiva. Nesse momento foi colocada a ideia básica que nortearia nosso trabalho, de que esta deveria ser uma representação brasileira, e não de um grupo de brasileiros. Para tanto, o primeiro desafio colocado era vencer os limites de comunicação da época, através de correios, telefonemas e pelos raros aparelhos de fax, lembrando que os textos e cartas eram todos datilografados. A intenção era localizar e fazer um levantamento de pessoas interessadas na temática do Movimento Moderno no país. Uma das primeiras manifestações veio de Abílio Guerra, que, como editor, traduziu artigos do *DOCOMOMO Journal* para a Revista *Ócolum*, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCampinas). Foi fundamental o apoio vindo de Hugo Segawa, que disponibilizou seus contatos e passou a acompanhar os trabalhos da Bahia. Porém eram poucos os retornos que recebíamos. Ao mesmo tempo, havia urgência para se realizar a tarefa comum colocada pelo DOCOMOMO Internacional, para testar sua metodologia para inventariar exemplares da arquitetura moderna.

Foram, então, acionados contatos com pesquisadores-arquitetos já conhecidos da equipe UFBA, que aceitaram participar generosamente desse projeto-piloto, resultando na seguinte composição: José Pessoa (Rio de Janeiro); Geraldo Gomes da Silva (Recife); Mirthes Baffi, Walter Pires e Clara d'Alambert (São Paulo); Paulo Pontes (Belo Horizonte); Angela Pedrão e Anna Beatriz Galvão (Salvador). O trabalho final foi apresentado na III Conferência Internacional (Barcelona/Espanha, 1994), que, juntamente com a produção dos demais países, serviu de guia para reformulação e ajustes das fichas e diretrizes para o inventário do DOCOMOMO. Para esse terceiro encontro, além do inventário-piloto, foi feita uma divulgação nacional mais ampla, que resultou numa maior participação de brasileiros no evento. Além disso, também foi levada ao Conselho a proposta de criação de um Comitê Internacional de Especialistas em Urbanismo, a partir de documento encaminhado pelos professores Ana Fernandes e Marco Aurélio Gomes, do PPGAU/UFBA, aprovado por unanimidade. En-

fim, a coordenação brasileira saiu do encontro fortalecida e com um convite para ser coeditora do *DOCOMOMO Journal* de 1995, que foi dedicado à América Latina.

Numa avaliação pós-Barcelona, reconheceu-se que a rede brasileira ainda precisava ser ampliada para ser, de fato, representativa. Esta ideia levou o grupo de pesquisa do PPGAU/UFBA vinculado ao DOCOMOMO Brasil (Naia Alban, Olivia de Oliveira, Ângela Pedrão e Anna Beatriz Galvão) a organizar em Salvador um seminário nacional em 1995: o I Seminário DOCOMOMO Brasil, com o tema "Universalidade e Diversidade do Movimento Moderno". Foi um evento apoiado pelo CNPq e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), num formato de seção única e com quatro conferencistas convidados: Aracy Amaral, Otília Arantes, Roberto Segre e Jorge Francisco Liernur. O resultado foi surpreendente pelo número de interessados e trabalhos inscritos (provenientes de pesquisas acadêmicas e de órgãos de preservação), mas também pelo rico debate, fruto de diferentes visões e expectativas sobre a arquitetura moderna e sua preservação, que infelizmente não se repetiu nas outras versões. Esse seminário foi, provavelmente, o primeiro evento, depois de anos, a retomar a discussão sobre arquitetura no país, apontando a então carência de um fórum para pesquisadores da área. A partir das conferências e de uma composição dos trabalhos inéditos apresentados foi publicado pela UFBA o livro "(Re)Discutindo o Modernismo", organizados por Luiz Antonio Fernandes Cardoso e Olivia de Oliveira.

E assim, o DOCOMOMO Brasil passou a organizar bianualmente seus seminários nacionais, onde identificamos uma predominância de trabalhos acadêmicos de valoração e biografias da história da arquitetura brasileira. Gradualmente houve um afastamento das práticas preservacionistas do país.

Seguindo esses passos, também foram realizados seminários regionais, como o do Vale do Paraíba, o de São Paulo, o do Sul e o do Norte-Nordeste, entre outros. Em meio ao importante viés acadêmico que passou a delinear as ações do DOCOMOMO Brasil, é interessante destacar uma experiência pioneira do grupo paulista, que foi a promoção de debates públicos sobre

exemplares canônicos da arquitetura modernista que estariam ameaçados de destruição (Museu de Arte de São Paulo – MASP, Casa Modernista da Rua Santa Cruz, Parque do Ibirapuera, Parque da Cidade de São José dos Campos), tendo a participação de diferentes segmentos da sociedade e não apenas de arquitetos. Infelizmente essa prática ainda não foi adotada em outros estados e, mesmo em São Paulo, foi interrompida.

Em paralelo aos eventos, o DOCOMOMO Brasil manteve em diferentes estados (e ainda mantém), ações de inventário e reconhecimento de sua arquitetura moderna, o que gerou a criação de guias locais de Arquitetura Moderna, assim como de Núcleos Regionais, como o da Bahia, de São Paulo, de Pernambuco, da Paraíba, do Piauí, do Rio de Janeiro, etc.

Em 1996 a coordenação nacional passou para Ângela West Pedrão, do PPGAU/UFBA, que, até o início do ano 2000 assegurou a expansão da rede e preparou o processo de transferência e circulação do DOCOMOMO Brasil entre outras instituições do país. Nesse período, já com o uso consolidado da internet, que definitivamente facilitou nossos padrões de comunicação, os eventos nacionais que aconteceram foram: o II Seminário DOCOMOMO Brasil (Salvador, 1997), na FAUFBA, sob a mesma coordenação do I Seminário, onde aconteceu a excepcional sessão de depoimentos com a presença de Carmen Portinho (RJ), Antonio Baltar (PE) e Walter Gordilho (BA). Dois anos depois, já fora da Bahia, tivemos o concorrido III Seminário DOCOMOMO Brasil (São Paulo, 1999), sob a coordenação de Mirthes Baffi, durante a Bienal de Arquitetura de São Paulo. Quanto aos inventários, estes continuaram a ser produzidos nas várias regiões do país, não mais unicamente para responder às tarefas do DOCOMOMO Internacional, mas principalmente como ferramenta para reconhecimento e análise da produção de arquitetura e conjuntos modernistas ainda por serem revelados, gerando um material inédito, que precisaria ser processado e disponibilizado pelo DOCOMOMO Brasil para consulta.

Na esfera internacional, o Brasil se destacou não apenas pelo grande número de membros filiados e de trabalhos acadêmicos inscritos,

mas também pelo envolvimento de alguns de seus membros com ações estratégicas para a consolidação do DOCOMOMO Internacional: Marco Aurélio Gomes, como coordenador do Comitê de Especialistas em Urbanismo; Hugo Segawa, como interlocutor com países da América Latina; Frederico de Holanda e Sylvia Ficher da Universidade de Brasília (UnB), que juntamente comigo e Alejandra Muñoz, da UFBA, organizaram e viabilizaram a VI Conferência do DOCOMOMO Internacional em Brasília, no emblemático ano 2000. Com o título *The modern city facing the future*, esta foi a primeira conferência fora do território europeu e que, enfim, trazia a questão urbana como tema central do evento internacional. Na ocasião, foram organizados MOMO Tours em outras capitais, sempre acompanhados de membros do DOCOMOMO Brasil.

Nesse momento, o DOCOMOMO Brasil tomou novos rumos e numa assembleia realizada durante o encontro de Brasília, a coordenação nacional foi transferida para o professor Lucio Gomes Machado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), de acordo com nosso regimento. A partir de então vem circulando por diferentes regiões do país, marcando uma bela trajetória e tendo à frente de sua coordenação consagrados nomes da história da arquitetura brasileira: Hugo Segawa, Carlos Eduardo Comas, Claudia Cabral, Sonia Marques, Luiz Amorim e agora Fernando Diniz. Quantas histórias ainda por contar!

Hoje o DOCOMOMO Brasil chega aos seus 25 anos, fortalecido pelos seus eventos, que certamente explicam o aumento significativo de teses e dissertações em todo o país que versam sobre a temática modernista. Nos órgãos de preservação, apesar de certa abertura para a valorização do patrimônio moderno, ainda existe um caminho a ser percorrido principalmente no âmbito das técnicas restaurativas e nas práticas de conservação, mas que vem sendo suprido por parcerias com empresas especializadas e com universidades, como a recente e polêmica intervenção na FAUUSP, de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi. Porém, para além de tais questões técnicas ou acadêmicas e aproveitando da “pausa” dos 25 anos, é fundamental um balanço e uma atualização

de nossos trabalhos nesse momento. O desafio é o enfrentamento questões-chave. Qual o papel de uma organização como o DOCOMOMO Brasil nos dias de hoje? Qual sua real importância nesses tempos de intolerância e disputas desmesuradas, de censuras estéticas e repressões?

Talvez não seja o momento de se olhar apenas para a excepcionalidade de uma perdida arquitetura erudita, mas também se abrir para entender o fenômeno de “querer parecer moderno e novo” que ainda assola nosso mundo. Talvez seja o momento de tomarmos a ideia de se conhecer um Brasil desconhecido, diverso e complexo através de sua arquitetura tanto a erudita, quanto a popular, tanto a de qualidade artística e construtiva, quanto a meramente formalista. Somos um país “condenado ao moderno”, como afirmava Mario Pedrosa? Que fenômeno é esse que povoou o Brasil de Norte a Sul? Existe uma interlocução possível com outros setores da sociedade, nos moldes dos debates pioneiros de São Paulo? Seria possível a convivência de tanta diversidade numa única organização como o DOCOMOMO Brasil? Já no último Seminário DOCOMOMO Brasil (Recife, 2016) foram exploradas novas interlocuções, com outras áreas de conhecimento.

Repassando as histórias e expectativas presentes nas origens do DOCOMOMO Brasil, vejo ainda preservada uma base sólida, capaz de suportar reajustes necessários de percursos.

São Paulo, 10 de novembro de 2017

Anna Beatriz Ayroza Galvão